

Os produtos que o capital comercial explorou ficariam conhecidos como *coloniais* ou *tropicais*, mas essas denominações, originariamente de ordem geográfica — *coloniais* porque oriundos das colônias, e colônias estabelecidas nos trópicos — simulavam esconder a verdadeira significação: eles eram coloniais, também e principalmente, por serem produzidos em regimes coloniais de produção, isto é, regimes em que o fluxo da renda se processava do interior para o exterior, e a acumulação se processava no exterior. Assim, enquanto a exploração colonial se fundou, no Brasil, no escravismo e no latifúndio, como empresa agrícola de dimensões gigantescas, tudo correu mais ou menos sem alterações, permanecendo em germe as contradições que o regime encerrava. Foi a crise na esfera comercial, decorrente ou associada ao declínio dos reinos peninsulares, de Portugal no que diz respeito ao Brasil, que rompeu o equilíbrio aparente do quadro. Esse aparente equilíbrio seria rompido, de outro lado, pela passagem da manufatura à indústria e pelo desenvolvimento das relações capitalistas no ocidente europeu. A expansão mercantil, as descobertas ultramarinas, a *colonização*, são processos da época da manufatura.<sup>20</sup> O declínio da manufatura acarreta alterações na *colonização*, mas apenas naquelas áreas em que ela se processa pela montagem de empresas produtoras ou pelo povoamento. No que diz respeito à colonização como ocorreu nas feitorias orientais, a passagem da manufatura à indústria agravou os laços de dependência.<sup>21</sup>

A montagem da empresa produtora colonial, no Brasil, teve, entre as suas características, o caráter selecionador: ela exigia cabedais. Exigindo-os, ficava apenas ao alcance dos elementos enriquecidos. O investimento inicial, para a montagem e funcionamento da empresa, discriminava e privilegiava. Excluía da *colonização* os elementos melhores da sociedade lusa: os arte-

<sup>20</sup> "Há, finalmente, uma consideração básica, a respeito da divisão do trabalho que especializa agora toda a superfície terrestre praticamente, com a criação do mercado mundial. É que as zonas consumidoras de produtos tropicais são produtoras de manufaturas, quando aquela subversão é introduzida nas primeiras em que a mudança se opera. Estão em condições, portanto, de suprir as zonas tropicais dos utensílios e toda espécie de mercadorias que estas ficam desobrigadas de produzir, quando se especializam. Sem a existência de zonas manufatureiras, a divisão do trabalho no campo, na fase do mercado mundial, teria sido impossível. É o aparecimento da manufatura no ocidente europeu, e na fase das grandes navegações e das descobertas ultramarinas e colonização consequente, que possibilita os empreendimentos em ultramar". (Nelson Werneck Sodré: *op. cit.*, p. 34).

<sup>21</sup> "A conquista do comércio oriental de especiarias não é uma conquista de território, pois: os navegadores não vão ocupar áreas produtoras, nem interferir nelas. (...) Para a conquista do comércio, há necessidade de fundar estabelecimentos do tipo feitoria, é um princípio de ocupação por pontos, a importância está em determinadas praças orientais, que coletam a produção regional. (...) A produção, entretanto, é preexistente: não se trata de criá-la, antecede a fase das grandes navegações". (Nelson Werneck Sodré: *op. cit.*, p. 37).